

## Os próximos planos do PSD

Depois de conquistar o maior número de prefeituras no primeiro turno das eleições municipais, o presidente do PSD, Gilberto Kassab, tem duas metas: manter o desempenho no segundo turno e alcançar a presidência da Câmara dos Deputados. O nome para o cargo é o do líder do partido, Antônio Brito (BA). No DF, o presidente regional, Paulo Octávio, comemora a performance da legenda e espera um fortalecimento de seus projetos para 2026, entre os quais eleger o filho caçula, André Kubitschek, deputado federal.

Divulgação/PSD



Renan Olaz/CWRJ



Miterino Júnior/CB/DA.Press

## Filhos eleitos

Os filhos do ex-presidente Jair Bolsonaro tiveram o melhor desempenho possível nas eleições municipais. Carlos Bolsonaro (PL) teve 130.480 votos, mais do dobro de votos do segundo colocado na disputa pela Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro, Márcio Ribeiro (PSD). O filho 04, Jair Renan (PL), também foi o mais votado em Balneário Camboriú e se elegeu vereador.



## Onda da causa animal

Com 113.820 votos, o terceiro vereador mais votado da cidade de São Paulo foi Dr. Murillo Lima (PP), que se elegeu com a bandeira da causa animal. Mesmo enfoque da campanha do segundo mais votado em Osasco, Ralfi Silva (Republicanos), defensor da implantação de hospitais veterinários gratuitos na cidade.

## Mulheres na minoria

Como resultado do primeiro turno, por enquanto, apenas 11% das prefeituras serão comandadas por mulheres.

## Vice

Procurador de Justiça aposentado, ex-presidente da Terracap e ex-administrador de Brasília, o advogado Antônio Gomes topou ser vice na chapa encabeçada por Carolyne Guimarães na disputa pela presidência da OAB-DF.

Arquivo pessoal



## Devagar

O PSDB sumiu do mapa no município de São Paulo. Em 2020, o partido reelegeu o tucano Bruno Covas. Agora, não tem sequer um vereador. Em Goiânia, o partido do presidente nacional da sigla, Marconi Perillo, elegeu apenas dois vereadores.

À QUEIMA-ROUPA  
BRUNO EDUARDO,  
vice-diretor da ONG  
A Vida no Cerrado

Em meio a enchentes no Rio Grande do Sul, seca dos rios na Amazônia, recordes de temperaturas e incêndios em vários pontos do país, a ONG A Vida no Cerrado, sediada em São Sebastião e com ramificações em vários estados, lançou o Guia para Candidaturas Ambientais. O material é dirigido a candidatos a prefeitos e vereadores, com orientações de como integrar a temática do meio ambiente às políticas públicas municipais em uma era de emergência climática. E, nesta entrevista, Bruno Eduardo, biólogo e mestre em ecologia, vice-diretor da Avinc, fala sobre a cartilha e o engajamento dos jovens nas questões ambientais.

Arquivo pessoal



## O que vocês miram ao conceber uma cartilha sobre as ações para mitigar as mudanças climáticas dirigida a candidatos a prefeitos e vereadores?

A ideia nasceu de uma análise conjunta de voluntários de todas as redes que atuam com juventudes mobilizadas pela pauta da consciência ambiental, com foco no bioma Cerrado. Nunca antes vimos tantas oportunidades de intervir na pauta ambiental quanto neste momento em que estamos vivendo eventos extremos cada vez mais frequentes. O Brasil pegou fogo quase que nacionalmente. Tivemos mais de 190 mil focos de incêndios. Faço um recorte de que 35% desses alarmes

de queimadas ocorreram no Cerrado. Os municípios são os lugares onde as pessoas, efetivamente, moram e constroem suas identidades. Então, ao exercer o direito ao voto, o cidadão pode influenciar os candidatos a oferecer políticas públicas para o meio ambiente.

## Qual deve ser a perspectiva dos políticos em relação ao meio ambiente em um contexto de emergência climática?

Não devem olhar o meio ambiente como uma bolha, mas, sim, como um tema transversal. A crise climática envolve tudo: meio ambiente, saúde pública, educação e mobilidade urbana. Tivemos em mira, justamente, criar um material capaz de fornecer aos candidatos as principais ferramentas de como agir para enfrentar as mudanças climáticas no âmbito local. Os prefeitos e vereadores estão na linha de frente das cidades assoladas por enchentes, secas e calor extremo. Com políticas públicas, eles podem promover a resiliência em seus territórios e a sustentabilidade nas cadeias produtivas.

## Uma pesquisa recente mostrou que somente um em cada três políticos mencionam as mudanças climáticas em seus programas. Como lidar com esse nível de consciência em uma situação tão grave?

A pesquisa revela uma desconexão total entre a realidade e a percepção da política, apesar de ser um tema presente no cotidiano de milhões de brasileiros. Os candidatos não conseguem compreender que isso terá um impacto profundo e precisa ser enfrentado com as políticas públicas locais. A gente está vivendo em um novo clima. Não é mais o de 20 anos atrás. Hoje, a gente precisa repensar as nossas cidades, temos de falar em estruturas verdes relacionadas, construir soluções baseadas na natureza. Tem uma frase muito boa do Ailton Krenak: "A melhor tecnologia para sequestrar carbono a natureza já deu para a gente, que são as árvores." Temos de transformar essas tecnologias em políticas públicas municipais, estaduais e federais.

## Que soluções seriam possíveis para enfrentar as mudanças climáticas nas cidades e qual o papel dos prefeitos e vereadores nessas ações?

Adotar soluções baseadas na natureza. Isso é muito importante. Áreas mais verdes podem reduzir a sensação térmica. As cidades são verdadeiras ilhas de concreto que absorvem muito calor. E, também, tornar as cidades mais permeáveis. A gente sofre com a falta da chuva, mas quando ela chega, temos dificuldade de drenagem. Os solos são altamente compactados, não conseguem infiltrar a água. Nossas cidades precisam ser permeáveis. É necessário investir em inovação e pesquisa. E, pensando no papel dos prefeitos e vereadores, é fundamental a participação deles na aprovação das leis para direcionar os recursos do orçamento municipal para lidar com a crise climática. É preciso ter um orçamento distribuído para grupos prioritários, a partir de um recorte. A Vida no Cerrado coloca isso em jogo. O Cerrado está, em média, 1,2°C mais quente. Isso significa menos água na caixa d'água do Brasil, que é o bioma Cerrado. A Cartilha veio com essa perspectiva nas eleições. A ideia é plantar a sementinha do ambiente como um tema transversal. A chave é integrar a temática ambiental em todas as esferas das políticas públicas.

Acompanhe a cobertura da política local com @anacampos\_cb

## » Entrevista | VALTER CASIMIRO | SECRETÁRIO DE OBRAS DO DF

Ao CB.Poder, titular da pasta de infraestrutura citou melhorias na região para evitar problemas com as chuvas previstas

## Trabalho a todo vapor no DF



Aponte a câmera do celular aqui e assista à entrevista completa

» LUIS FELLYPE RODRIGUES

O andamento das obras para mitigar os efeitos da chegada das chuvas à capital federal — como o Drenar-DF na Asa Norte, e aprimoramento de redes de captação pluvial em diferentes pontos da região — foi assunto destacado por Valter Casimiro, secretário de Obras, ontem, em entrevista. Ele falou aos jornalistas Ana Maria Campos e Arthur de Souza, no programa CB.Poder — parceria entre o Correio Braziliense e a TV Brasília. O gestor também citou projetos em vias locais, como a W3 Sul e a Estrada Parque Indústrias Gráficas (Epig).

## Como o GDF está se preparando para a chegada das chuvas?

Em Vicente Pires e no Sol Nascente, principalmente, conseguimos fazer a ligação das principais redes de drenagem. Estamos correndo para pavimentar os locais onde as colocamos.

## Em parte da Asa Norte e até em uns pontos da Asa Sul, onde temos as tesourinhas que sempre alagam, isso está contornado?

Na parte das quadras 10 e 12 (da Asa Norte), onde temos um grande problema de retenção (pluviométrica), com volume de água muito grande, foi feito todo um serviço de limpeza do sistema de drenagem. A Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap) fez a limpeza e utilizou um robô para verificar o sistema

de drenagem. Na semana passada, eu e Fernando Leite — presidente da Novacap — fomos até a Universidade de Brasília (UnB) e fizemos uma verificação do trabalho in loco. É um trabalho minucioso e está trazendo resultados, como a retirada de bastante material (que funcionava como obstáculo e atrapalhava) do interior dos sistemas de drenagem.

## E o Drenar-DF?

No Plano Piloto, estamos correndo para entregar a primeira fase do projeto Drenar-DF que vai da região do estádio (Mané Garrincha), faz a interligação com a rede antiga (de drenagem) e leva para o tanque de retenção próximo do lote Clube. Acreditamos que entregaremos (a conclusão dessa ação) em dezembro. Outro trabalho que

Ed Alves/CB/DA.Press



é importante e que está sendo feito, principalmente pela Novacap, é a limpeza de todo o sistema de drenagem existente.

## Tem algum projeto para novas etapas?

A Agência de Desenvolvimento do Distrito Federal (Terracap) tem o projeto do Drenar-DF para a região da Asa Norte e outros (similares), como o de Taguatinga e o de Amiqueira. O de Taguatinga está na fase final para, provavelmente, começar no ano que vem. Terminando esse trecho do estádio, a Terracap, possivelmente, vai lançar o novo edital para começar o do restante da Asa Norte e definir que no próximo ano (o órgão) comece a fazer o edital de Amiqueira.

## No Sol Nascente, está sendo feita uma grande obra de pavimentação. Quanto foi construído?

Está com cerca de 70% da cidade com sistemas de drenagem e pavimentação. Há, diariamente, de três a quatro ruas sendo pavimentadas. Isso traz uma satisfação muito grande aos moradores.

## Quando terminarão as obras na W3?

Está na fase final da obra. Ela (a construção) está num pedacinho próximo ao Setor Comercial e ao Setor Hoteleiro, na descida do Eixo Monumental. Estamos fazendo um trechinho em frente à parte da área de hospitais. Vou dizer, 99% dessa obra está concluída.

## E as obras na Epig?

São seis etapas. Estamos concluindo a primeira, que é a ligação da Estrada Parque Taguatinga (EPTG) com a Octogonal. Está faltando um viaduto que vai possibilitar que o BRT passe por ele, e que ligará a faixa exclusiva de ônibus à Estrada Setor Policial Militar (ESPM). Temos o trecho 2, que é a descida do Sudoeste para a Octogonal, que faz essa conexão com a Epig. O trecho 3 é aquele viaduto que conecta Estrada Parque ao Sudoeste, esse foi entregue. O trecho 4, começamos a pavimentar. O trecho 5 é o que liga (a Epig) à Câmara Legislativa. E o trecho 6, que é a pista que vai conectar a Epig ao Eixo Monumental.

## O senhor poderia explicar como vai funcionar a expansão do Metrô?

Essa linha sairá da Esplanada e vai ao Sudoeste, SIA, Cruzeiro, Candangolândia, Núcleo Bandeirante, Riacho Fundo I e II, Recanto das Emas, Gama e Santa Maria. Sabemos que na linha 1 temos carros com apenas quatro vagões. A ideia é colocar pelo menos um equipamento (de transporte) com o dobro de comprimento para suportar a demanda.

## O que será feito com o crédito aprovado pela Câmara Legislativa para o Metrô?

Construir as ligações do BRT Norte e Sudoeste, ligando o terminal da Asa Norte à Epia, e a Epia à Estrada Parque Núcleo Bandeirante (EPNB), além da compra de novos trens para substituir equipamentos que já estavam em operação, mas que estão bastante velhos e precisam ser substituídos.

## São R\$ 800 milhões, é isso?

R\$ 800 milhões para a compra dos trens e, aproximadamente, R\$ 600 milhões para essas ligações do Eixo Norte e Sudoeste do BRT.

## \* Estagiário sob a supervisão de Manuel Martínez